

A MUDANÇA E CONSTITUIÇÃO DA MICROCONSTRUÇÃO "POIS NÃO" NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Célia Márcia G. Nunes Lôbo¹

Vânia Cristina Casseb-Galvão²

RESUMO

Descreve-se a constituição da microconstrução “pois não”, na perspectiva da Gramática de Construções. Constatou-se que as alterações sintático-semânticas por ela sofridas partem de um contexto atípico, no qual a construção “pois” deixa de atuar como conjunção. A microconstrução realiza-se em contexto crítico: “pois” perde sua função conclusiva e assume função discursivo-pragmática. Por fim, atinge o contexto isolado, fase marcada pela perda da função semântica de negação da construção “não” e do processo de *chunking* entre as construções “pois” e “não”, resultando no uso inovador que constitui um novo nó na rede dos marcadores discursivos, revelando um processo de expansão.

Palavras-chave: gramática de construções, mudança; português brasileiro, “pois não”.

ABSTRACT

This article describes the process of constituting the microconstruction “pois não” in the perspective of the Construction Grammar. It was verified that the syntactic-semantic changes run along a path that starts from an atypical context in which the construction “pois” ceases to act as a conjunction. In the critical context “pois” loses its conclusive function and assumes discursive-pragmatic function. Finally, it reaches the isolated context: there are loss of the semantic function of the negation and the chunking between “pois” and “não”, resulting in innovative use, a new node in the network of discursive markers, a process of expansion.

Keywords: grammar of constructions; change; Brazilian Portuguese; “pois não”.

1 Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Email: celiamarciagn@hotmail.com

2 Professora Associada da Universidade Federal de Goiás. Professora convidada da Universidade Estadual de Goiás. Bolsista CNPq/Pq2. Email: vaniacassebgalvao@gmail.com

Considerações iniciais

Esta pesquisa se enquadra teoricamente na Gramática de Construções (GC). Com base nos pressupostos da GC, adotamos a concepção de língua como uma rede, em que pares de forma e significado instanciam construções do sistema linguístico, que podem exercer diversas funções durante a interação entre os usuários (GOLDBERG, 2006, 2013; BYBEE, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013).

Construções correspondem, portanto, a “unidades simbólicas convencionais” que integram o sistema linguístico, considerado como uma rede de construções, as quais exibem de maneira integrada propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. No âmbito da GC, denomina-se microconstrução (ou *type*) toda unidade instanciada que se atualiza no uso mediante os construtos (ou *tokens*). Microconstrução diz respeito a níveis mais abstratos (virtualizados), construtos correspondem a usos efetivos.

Quanto ao fenômeno linguístico analisado, descrevemos o percurso de constituição da construção “pois não”, comumente utilizada por falantes em situações de interação formal, atendimento ao público em geral etc. O interesse por estudá-la se justifica pela imprevisibilidade que apresenta a partir de seus aspectos composicionais e os significados a ela relacionados. Os usos que, inicialmente, nos despertaram a atenção são equivalentes a 1 e 1a, a seguir:

[1] — Talvez o senhor pudesse me aconselhar alguma coisa.

— **Pois não, pois não** - respondeu o homem, solícito.

(20:Fic:Br:Cardoso:Dias – *Corpus do Português*³).

[1a] — **Pois não?**, o gerente atende.

(20:Or:Br:LF:SP – *Corpus do Português*).

No exemplo [1], a microconstrução “pois não” indica uma maneira cortês de responder afirmativamente ao interlocutor. O uso tem o sentido equivalente a “sim” e/ou “claro”, “certamente”, expressa o consentimento ou disponibilidade em se fazer algo ou de tomar alguma atitude. Nesse caso, um dos interlocutores pede um conselho e o outro responde com “pois não”, garantindo que

3 As indicações entre parênteses, após os dados, são informações prestadas no *Corpus do Português* quanto ao século, padrão discursivo, língua, autor e obra.

o pedido foi aceito. Por sua vez, em [1a], a microconstrução “pois não” sob a forma interrogativa é equivalente à oração “Em que posso ajudá-lo?”; denota prontidão e disposição em ajudar, sugerindo disponibilidade do locutor em estabelecer interação, e incentiva uma reação por parte do interlocutor. Em ambos os casos, a construção tem função discursivo-interativa, funcionando como orientadora da interação.

Durante a seleção de dados no *corpus*, constatamos que a microconstrução “pois não” é instanciada em oito diferentes usos que diferem quanto à função semântico-pragmática e informacional.

Em todos os construtos encontrados, ocorre um processo de *chunking* entre os elementos estruturais da microconstrução. *Chunk* é um termo que vem sendo usado na abordagem construcional para designar a junção entre elementos linguísticos originariamente individuais, ou seja, a palavra “pois” deixa de exercer funções conjuntiva e conclusiva e associa-se à palavra “não”, que também perde sua função de negação, para comporem subpartes de um esquema em que ambas as palavras acopladas assumem uma função semântica distinta daquelas assumidas pelas duas palavras quando analisadas isoladamente em seus estágios composicionais.

A microconstrução “pois não” em sua acepção mais abstrata é instanciada no nível interpessoal da língua, na função de marcador discursivo e, por isso, é altamente intersubjetiva, funcionando como orientadora do processo interlocutivo. Diante disso, denominamos nosso objeto de análise como marcador discursivo (MD) *pois não*.

1. Procedimentos metodológicos

Esta análise provém de resultados mais amplos constantes em Lôbo (2017), na qual são investigadas a origem, mudança e expansão da microconstrução “pois não” no português, em perspectiva sincrônica e diacrônica, a partir da conjugação de postulados da Gramática de Construções e da Gramática Discursivo Funcional. Trazemos uma discussão favorecida e altamente inspirada no trabalho dessa pesquisadora, considerando-se o recorte metodológico e os princípios teóricos que seguem.

Analisamos os contextos de mudança que possibilitaram a constituição da microconstrução “pois não” e seus usos, cobrindo todo o efetivo período de formação do Português Brasileiro (doravante PB) no território brasileiro, com foco nas possibilidades semântico-pragmáticas assumidas em diferentes

contextos de interação comunicativa no PB.

Para esta investigação, portanto, o primeiro passo foi selecionar o *corpus* que subsidiaria a pesquisa. Inicialmente, realizamos buscas em diversos *corpora*, e devido à especificidade do fenômeno, pois é um uso extremamente frequente em situações de interação dialógica, elegemos o *Corpus do Português* (DAVIES e FERREIRA, 2006). A opção por esse *corpus* deve-se ao fato de que ele é constituído por dados de língua falada e escrita em diferentes padrões discursivos e períodos históricos, consistindo em um *corpus* rico em informações para a pesquisa. Além disso, sua interface é relativamente simples de ser acionada.

Várias buscas foram realizadas no *corpus* a fim de ratificar as hipóteses de que 1) a construção “pois não” deriva do encurtamento da construção oracional “pois não poderia + verbo infinitivo”, e de que 2) os usos de “pois não” integram uma rede construcional que apresenta diferentes graus de (inter)subjetividade. O objetivo era identificar ocorrências que pudessem sinalizar os contextos de mudanças pelos quais passou a microconstrução “pois não”.

Para os propósitos desta pesquisa, foram analisados dados produzidos entre os séculos XIX e XXI que, conforme Mattos e Silva (2008), corresponde ao período de implementação do Português Brasileiro.

A partir de pesquisas no *Corpus do Português* conseguimos encontrar dados relevantes que nos possibilitassem alguns direcionamentos para a definição do contexto típico (fonte) de “pois não”, e constatar as diferentes possibilidades semântico-pragmáticas dessa microconstrução.

Considerando que a microconstrução “pois não” tende a ser mais produtiva em contextos dialógicos, selecionamos dados de textos orais e escritos disponíveis no *Corpus*. Os textos escritos com forte carga de verossimilhança com a interação face a face foram numa opção metodológica profícua diante da impossibilidade de acesso a textos orais em sincronias mais antigas. Para a análise de dados escritos, elegemos aqueles da categoria denominada “Ficção” pelo *Corpus do Português*, na qual estão abrigados textos de romances e peças teatrais, altamente interativos. Segundo Preti (2004), esses gêneros textuais, por seus aspectos funcionais, estruturais e informacionais, apresentam forte carga de verossimilhança com a interação face a face e, por isso, são representativos da língua em uso.

Os parâmetros iniciais de análise estão relacionados aos princípios gerais sobre abordagens

construcionais, apresentados e discutidos por Goldberg (2006, 2013), Croft (2001), Traugott (2008), Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010); aos fatores construcionais de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, conforme Traugott e Trousdale (2013); e aos tipos de contextos propostos por Diewald (2002, 2006). Atentaremos também para a intersubjetividade, considerada como um aspecto envolvido na atualização gramatical das marcas do enunciador. Tais pressupostos teóricos serão detalhados nas próximas subseções.

2. Fundamentação teórica

2.1. Tipos de mudanças linguísticas: mudanças construcionais e construcionalização

Os estudos sobre mudanças nos sistemas linguísticos têm sido alvo de análise a partir de diversas correntes teóricas que visam a pesquisar a língua em sua constituição e função. Tendo em vista que neste artigo a concepção de língua envolve o reconhecimento de sua constituição como um conjunto de construções, a mudança linguística é compreendida como toda e qualquer alteração nesse conjunto, formado por uma rede de pareamentos de forma e função.

Como representantes da abordagem construcional, Traugott e Trousdale (2013) desenvolvem suas pesquisas no intuito de compreender *como* as mudanças são instanciadas (e não *por que* elas ocorrem nas línguas). Esses autores propõem que as mudanças podem se caracterizar como dois processos distintos: mudança construcional, que diz respeito a alterações em apenas um plano construcional (forma ou significado), e construcionalização, que se refere a alterações no plano da forma e do significado simultaneamente.

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 17), a mudança construcional

começa quando novas associações entre construtos e construções surgem ao longo do tempo, ou seja, quando a replicação de *tokens* leva a categorizações provisórias que não estavam disponíveis para usuários da língua antes e podem, portanto, ser chamadas de ‘novas’ (tradução nossa)⁴.

Embora as mudanças construcionais possam induzir a construcionalização, nem sempre

4 Original: “*Constructional change begins when new associations between constructs and constructions emerge over time, i.e. when replication of tokens leads to provisional categorizations that were not available to language-users before and can therefore be called ‘new’*”.

acarretam a instanciação de uma nova construção. Logo, as mudanças construcionais indicam polissemias e colaboram para a ocorrência de construcionalização, constituindo-se em uma etapa anterior a esta.

A construcionalização, por sua vez, é definida como a criação de um novo pareamento formaisignificado, ou seja, implica a elaboração de um novo signo no sistema linguístico, consistindo em uma mudança *type*, isto é, no nível de microconstruções. Trata-se da constituição de novos tipos de nós, os quais apresentam nova sintaxe ou morfologia e um novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. As mudanças em construcionalização podem ser analisadas conforme o grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A criação de novos nós na rede, ou seja, na língua, pode ser de natureza gramatical, denominada de construcionalização gramatical, ou de natureza lexical, a construcionalização lexical.

Impreterivelmente, para que haja construcionalização é necessário constatar mudanças no nível da forma e no do significado simultaneamente, pois a construcionalização envolve neoanálise ou uma nova configuração da forma morfossintática e do significado semântico/pragmático, e mudanças fonológicas e discursivas em diversos estágios.

2.2. Fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade

Três fatores são frequentemente vinculados aos processos construcionais: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Pesquisadores como Langacker (2005, 2008), Traugott (2007), Bybee (2010), Trousdale (2012), entre outros, consideram que tais fatores estão envolvidos em vários tipos e fases de mudanças pelas quais as construções passam.

Devido ao alto poder descritivo e analítico da proposta de Traugott e Trousdale (2013), apresentamos a seguir as considerações desses autores acerca dos fatores esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Trata-se de uma proposta que favorece e incentiva análises consistentes dos processos de formação sistêmica, ao definir princípios de análise dos aspectos constitutivos dos pareamentos linguísticos, especialmente em perspectiva diacrônica. Essa abordagem enriquece o leque de opções de análise da mudança linguística e de sua implementação.

2.2.1. Esquematicidade

A esquematicidade é uma propriedade que envolve abstração. De modo geral, os esquemas representam uma generalização de categorias linguísticas e de categorias não linguísticas, e são percebidos pelos usuários da língua de modo inconsciente devido às estreitas relações existentes entre elementos de mesma categoria numa rede de construção. Sendo assim, pode-se dizer que o fator esquematicidade abarca padrões gerais de uma série de construções mais específicas.

Esse fator pode ser mensurado em graus de generalidade ou de especificidade. Por exemplo, partindo de um nível mais geral, há o conceito de *instrumento musical*, que é mais abstrato e inclusivo que o conceito de *piano*, ou o conceito de *substantivo*, que é mais abstrato que o de *substantivo próprio*. De um nível mais específico para o geral, *gatos* compõe parte do esquema maior *mamíferos*, *verbos de ligação* correspondem ao esquema de *verbos* etc. No caso do “pois não”, ele é parte do esquema maior dos marcadores discursivos.

Do mesmo modo que a esquematicidade pode ser analisada em relação de categorias, apresentando-se como esquematicidade mais abstrata, tal como nos exemplos do parágrafo anterior, ela também pode acontecer em construções. Nesse âmbito, os esquemas são compostos por *slots* que podem ou não ser preenchidos e formar microconstruções. Uma construção pode ser inteiramente esquemática, tal como SNLoc (AGUIAR, 2015), que permite que todos os seus *slots* sejam preenchidos, ou parcialmente esquemática, quando há uma parte substantiva, tal como a construção “chutar o balde/ pau da barraca” (chutar X), em que “chutar” corresponde à parte substantiva da construção e os complementos “balde” e “pau da barraca” correspondem elementos que preenchem a parte esquemática da construção, considerando que elas consistem em instanciações da mesma construção. A construção “pois não” é não esquemática, pois não abre qualquer *slot* para ser preenchido.

2.2.2. Produtividade

O fator produtividade numa construção também é gradiente, ou seja, refere-se à característica de extensão (abrangência) ou limitação do esquema construcional. Em termos morfológicos, podemos pensar, por exemplo, sobre o grau em que a combinação de uma conjunção mais um advérbio de negação (como é o caso de “pois não”) sanciona a criação de novas construções discursivo-pragmáticas. Em outras palavras, podemos constatar a produtividade do esquema “pois não” mensurando em que medida ocorre o aumento das possibilidades de colocação ou “expansão da classe hospedeira” (*host*

class), tal como denominado por Himmelmann (2004). Essa expansão ocorre quando determinada construção tem sua gama de colocações ampliada, tornando-se possível o preenchimento de *slots* por outras categorias na rede construcional. Classe hospedeira diz respeito à classe em que o elemento se insere após passar pelo processo de mudança. Por exemplo, em um processo de mudança em que um Nome passa a instanciar-se como um Verbo, o Verbo representa a classe hospedeira.

Traugott e Trousdale (2013, p. 18) afirmam que muitos trabalhos sobre produtividade têm se detido na questão da frequência como um fator de análise. Baayen (2001) e Bybee (2003 e outros) distinguem a frequência *type* (o número de expressões diferentes que um padrão particular tem) da frequência *token* (o número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto).

Para Traugott e Trousdale (2013), há uma correspondência direta entre o aumento de frequência de uso com o aumento da frequência do construto, por isso, associam a frequência *type* com aquela relacionada à frequência de uma determinada construção e a frequência *token* com a frequência do construto, e ressaltam a relevância da rotinização dos usos por parte dos falantes.

A produtividade, portanto, pode estar relacionada à rotinização e à repetição frequente, mas também à expansão da classe hospedeira (*host class*). Quanto mais esquemático for o modelo, mais *slots* exigem ser ocupados, ou seja, mais produtivo ele é e maior é a frequência *type*.

2.2.3. Composicionalidade

O fator composicionalidade, por sua vez, diz respeito à relação de transparência entre forma e significado. Tal como explicitam Traugott e Trousdale (2013, p. 19):

Se uma construção é semanticamente composicional, então, enquanto o falante produzir uma sequência sintaticamente convencional, e o ouvinte entender o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se não for composicional, haverá incompatibilidade entre o significado dos elementos individuais e o sentido do todo⁵.

Esses autores fazem algumas considerações também sobre o conceito de analisabilidade, considerada como um subtipo de composicionalidade, pois, se por um lado a composicionalidade se associa muito mais ao significado imputado ao todo a partir dos componentes de uma construção, por

5 Original “*If a construct is semantically compositional, then as long as the speaker has produced a conventional sequence syntactically, and the hearer understands the meaning of each individual item, the hearer will be able to decode the meaning of the whole. If it is not compositional, there will be mismatch between the meaning of individual elements and the meaning of the whole*”.

outro lado, a analisabilidade está relacionada a quanto o falante reconhece e distingue o significado desses componentes que compõem o todo. Por exemplo, “pois não” é uma microconstrução cujo grau de composicionalidade é baixo, uma vez que a soma de suas partes não reflete o significado que ela encerra. Todavia, consiste numa construção cujo grau de analisabilidade é alto, já que é possível identificar os significados de cada uma das partes que compõe a construção.

2.2.4. Intersubjetividade

Traugott (2010, p. 33), baseada em Lyons (1982), compreende a subjetividade como “o modo pelo qual as línguas naturais, em sua estrutura e seu modo normal de operação, fornecem para o agente locutório a expressão de si mesmo e suas próprias atitudes e crenças (LYONS, 1982, p. 102)”⁶, enquanto a intersubjetividade refere-se à relação do agente locutório com o destinatário, atentando-se para a constituição da autoimagem desse interlocutor. Via de regra, os processos intersubjetivos são mais abstratos que os subjetivos. A objetividade remete ao mundo sociofísico, ao domínio representacional da linguagem.

Tais processos podem ser atualizados na gramática das línguas, e, por isso, de maneira gradativa, as construções podem integrar uma rede cujos nós se caracterizam a partir de domínios + objetivo > ± subjetivo > ± intersubjetivo (Traugott, 2010), configurando diferentes graus de (inter)subjetividade. É o que pretendemos confirmar, a respeito do processo de mudança desenvolvido pela microconstrução “pois não”.

2.3. Tipos de contexto

Por longa data, a questão contextual tem sido considerada aspecto relevante nas pesquisas que visam a analisar a mudança linguística. Nos estudos de gramaticalização sob a perspectiva clássica, Heine et al (1991) propõem três estágios fundamentais relativos aos contextos de mudanças na interpretação de um enunciado, são eles:

Estágio 1: Em adição a seu sentido focal e nuclear A, uma dada forma linguística F adquire um sentido adicional B quando ocorre em um contexto específico C. Isso pode resultar em ambiguidade semântica uma vez que os sentidos de A ou B também podem ser implicados no contexto C [...].

Estágio 2: A existência do sentido B agora torna possível para a forma relevante a ser usada

6 Original: “the way in which natural languages, in their structure and their normal manner of operation, provide for the locutionary agent’s expression of himself and his own attitudes and beliefs (LYONS, 1982, p. 102)”.

em novos contextos que são compatíveis com B mas desconsideram o sentido A.

Estágio 3: B é convencionalizado; ele pode formar um foco secundário caracterizado por propriedades contendo elementos não presentes em A (cf. Dahl 1985:11) – com o efeito que F agora tem duas “polissemias”, A e B, que podem desenvolver eventualmente dentro “homofones” (HEINE et al, 1991, p. 71-72).

Uma alternativa recente e promissora para a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso, no que se refere à questão contextual, está relacionada aos estudos de gramaticalização na perspectiva da Gramática de Construções. Nessa perspectiva, *contexto* é considerado em uma dupla e correlacionada dimensão, que diz respeito a contexto de forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e de sentido (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), em que “ambas dimensões motivam usos linguísticos e são motivadas por tais usos” (OLIVEIRA, 2015, p. 24).

Em termos das relações contextuais, também ganha relevância a proposta de Diewald (2002, 2006), para quem o contexto é analisado considerando-se uma escala dos ambientes semântico-sintáticos nos quais os usos linguísticos são instanciados, favorecendo a mudança na gramática. A classificação de Diewald (2002, 2006) assemelha-se em alguns aspectos à proposta por Heine et al (1991).

Diewald (2006) destaca que novas funções gramaticais não surgem de modo homogêneo, ao contrário, sua origem está vinculada a “contextos” linguísticos específicos ou a “construções” específicas. Assim, a autora propõe um modelo de análise que integra aspectos semânticos, morfológicos e estruturais, enfatizando o papel das relações e influências paradigmáticas entre construções em uma determinada etapa da história de determinada na língua. Tal modelo faz distinção entre três fases cronológicas das funções gramaticais ordenadas diacronicamente e associadas a tipos de contextos peculiares, como pode ser visto no Quadro 1:

Estágio	Contexto	Significado / Função
I Pré-condições da gramaticalização	Contextos atípicos	implicatura conversacional
II Desencadeamento de gramaticalização	Contextos críticos	opacidade múltipla
III Reorganização e diferenciação	Contextos isolados	polissêmico / heterônimo

Quadro 1: Tipos de Contexto em gramaticalização

(Fonte: Adaptado de DIEWALD, 2006, p. 4)

A primeira fase de mudança, que diz respeito aos “contextos atípicos”, demonstra as condições prévias para a gramaticalização se desenvolver. Nessa fase é possível perceber uma expansão inespecífica da distribuição da unidade lexical para contextos nos quais não havia sido utilizada anteriormente. O significado, portanto, “[...] surge como uma implicatura conversacional, ou seja, o significado é contextualmente e pragmaticamente acionado e não explicitamente codificado nos próprios itens linguísticos” (DIEWALD, 2006, p. 4)⁷.

No segundo estágio, há o acionamento real (o início) do processo de gramaticalização em que são constatadas diversas interpretações possíveis para determinada construção linguística, incluindo o significado recém gramaticalizado. Essa fase é marcada por múltiplas ambiguidades e opacidades estruturais e semânticas, por isso ser identificado como “contexto crítico”. Diewald (2002, p. 109) distingue que enquanto na fase I “[...] novas possibilidades estruturais e semânticas foram distribuídas ao longo de diferentes contextos de forma independente um do outro, na fase II, fatores estruturais e semânticos acumulam em um contexto específico crítico”⁸.

O terceiro estágio, por sua vez, assinala a consolidação ou conclusão do processo de gramaticalização que não se reverte a uma fase anterior. Nesse contexto, além de ocorrer a implementação de um novo uso, nota-se a expansão na classe hospedeira. Há uma reorganização e uma diferenciação das formas gramaticais, em que o novo significado é isolado como um significado distinto do significado mais antigo, mais lexical. Tal separação é possível em contextos linguísticos específicos, os *contextos isolados*, que favorecem uma leitura particular do termo *gramaticalizado*, em detrimento de outras leituras. Logo, o novo significado gramatical não é mais dependente de implicatura conversacional e torna-se verdadeiramente polissêmico, na medida que co-ocorre com o antigo significado.

Evidentemente, os contextos expostos no Quadro 1 referem-se a processos de mudanças que partem de um contexto típico, o qual diz respeito à construção fonte a partir da qual se origina outras construções. Desse modo, o contexto típico refere-se ao uso mais conceitual, mais objetivo.

Dentre as propostas sobre os contextos de mudança mencionadas nesta seção, optamos pela abordagem de Diewald (2002), devido ao fato de que percebemos a sua compatibilidade com os

7 Original: “*arises as a conversational implicature, i.e. this meaning is contextually and pragmatically triggered and not explicitly encoded in the linguistic items themselves.*”

8 Original: “*new structural and semantic possibilities were distributed over different contexts independently of each other; at stage II, semantic and structural factors accumulate in one specific critical context.*”

princípios da Gramática de construções (GC), especialmente porque auxiliam a distinguir o esquema formal e significativo de pareamento construcional. Além disso, os tipos de contexto propostos pela autora estão baseados na noção de ambiência gramatical, ou seja, atentam para a macro sistematização da gramática das línguas.

3. Análise dos dados

Na análise do processo de construcionalização gramatical de “pois não”, em abordagem diacrônica, partimos da noção de contextos de Diewald (2002, 2006). O objetivo é distinguir os micropassos de mudança que levaram à construcionalização do “pois não” e sua hospedagem na classe dos marcadores discursivos, a implementação dessa mudança.

Visando compreender como se desenvolveu ao longo do tempo de formação do PB a configuração (forma e função) mais abstrata da microconstrução “pois não”, funcionando como introdutor de interação, dedicamo-nos a captar, ao longo do período de estabelecimento do português brasileiro, os contextos em que essa microconstrução aparece e que poderiam ter contribuído para a sua formação.

A partir dos usos de “pois não” encontrados no *Corpus do Português* e sistematizados, tal como descrevemos anteriormente, buscamos entender além do sentido, mediante uma análise morfossintática, como ocorreu a perda de complexidade dessa microconstrução quanto a seu aspecto composicional. O fator composicionalidade foi fundamental para delimitar os micropassos de mudanças. Ao analisar cada uso, utilizamo-nos dos seguintes critérios para aferir a composicionalidade:

- 1) Quebra do padrão oracional básico;
- 2) Perda de propriedades categoriais;
- 3) Possibilidade de material interveniente na construção sem perda do sentido.

Tais critérios são importantes no sentido de viabilizar o entendimento das micromudanças percebidas em uma estrutura oracional complexa que possibilitaram a instanciação de uma microconstrução com forma-função inovadora.

Nos tópicos seguintes, veremos como cada contexto linguístico se caracteriza e discutiremos aspectos pertinentes a cada estágio de mudança. A análise está disposta partindo-se do contexto mais composicional (contexto típico) ao menos composicional (contexto isolado).

3.1.Contexto típico

A análise foi orientada com base na hipótese de que a microconstrução “pois não”, funcionando como marcador discursivo, derivou de uma construção complexa mais esquemática e mais composicional, representada pelo esquema do Quadro 2. Vale lembrar que uma construção é considerada mais esquemática quanto maior for a possibilidade de preenchimento de *slots* em sua formação, e é considerada mais composicional quanto maior é a transparência entre forma e significado.

V. _{aux. modal}	+	CONJ. _{conclusiva}	+	[PREP.]	+	NÃO	+	V. _{principal}	+	COMPLEMENTO
<i>Haveria,</i>		<i>pois,</i>		<i>de</i>		<i>não</i>		<i>realizar</i>		<i>seu pedido?</i>
<i>Poderia,</i>		<i>pois,</i>		<i>---</i>		<i>não</i>		<i>ajudar</i>		<i>você?</i>

Quadro 2: Contexto típico da microconstrução “pois não”⁹ (elaboração própria)

Mediante os exemplos dispostos no Quadro 2, considerados neste artigo como contexto típico, percebemos que os termos na oração estão no nível de descrição do conteúdo comunicado. Há convergência entre os aspectos da forma e do significado, apresentando alto grau de composicionalidade, esquematicidade, produtividade e objetividade. O “pois” atua como conjunção conclusiva, entre duas orações, e o “não” atua como elemento de negação.

Fried (2015) traz considerações relevantes sobre o percurso de busca por definição do contexto fonte (típico) de determinadas construções. Suas afirmações coadunam-se à nossa análise sobre a microconstrução “pois não”. A autora orienta que na captura por herança parcial, em que construções estão relacionadas através de relações de semelhança de família, outro tipo de rede é necessário:

Trata-se de casos em que é evidente que um grupo de construções está relacionado através de vários subconjuntos de características partilhadas, mas que não pode ser estabelecida uma verdadeira hierarquia das variantes cada vez mais restritas, ou uma raiz empiricamente comprovada. Semelhança familiar frequentemente está em jogo na captura de relacionamentos diacrônicos entre construções; nesses casos, somos confrontados com vários resíduos e desvios, que podem deixar faltando partes da suposta hierarquia nos dados sincrônicos. [...]. A este respeito, o elemento consolidado na rede não é uma construção raiz, mas um espaço funcional (ou conceptual) sobre o qual dadas construções podem ser mapeadas (FRIED, 2015, p. 985).¹⁰

9 Os exemplos que aparecem nos quadros correspondentes à ilustração dos esquemas contextuais são meramente elucidativos, ou seja, não consistem em ocorrências encontradas no *corpus*.

10 Original: “*This concerns cases where it is evident that a group of constructions is related through various subsets of shared features but where a true hierarchy of increasingly more constrained variants, or an empirically attested root, cannot be established. Family resemblance is often at play in capturing diachronic relationships among*

Esse é um dos fatores passíveis de o pesquisador se deparar em pesquisas diacrônicas. Tendo por base as observações de Fried (2015), a nossa hipótese de que o MD *pois não* tenha surgido de uma construção mais complexa, especificamente, de uma oração perifrástica modal se justifica por alguns aspectos percebidos nessa estrutura oracional que podem ser tomados como herança parcial.

O primeiro deles diz respeito à própria composição da oração perifrástica modal. A conjugação perifrástica é formada por um *verbo auxiliar (+preposição) + verbo principal* (conjugado no infinitivo, no particípio ou no gerúndio) (cf. CUNHA e CINTRA, 2003). Numa oração perifrástica modal, o *slot* de verbo auxiliar é preenchido por verbos modais. Ao se relacionar a verbos de sentido pleno, o verbo modal pode conferir a eles, dentre outras funções, a função semântico-pragmática de polidez.

A perífrase oracional modal, portanto, como o próprio nome sugere, modaliza o discurso do falante. Esse fator demonstra uma característica marcante na consideração dessa estrutura oracional como contexto típico (fonte) da microconstrução “pois não”, já que, conforme veremos posteriormente na análise dos usos abstratizados, ela se instancia essencialmente como uma estratégia de polidez do locutor para com o interlocutor.

Ainda sobre modalização, que está na base da constituição do nosso fenômeno de estudo, as gramáticas de modo geral (de tradicionais a funcionalistas) relacionam esse fenômeno a aspectos subjetivos do locutor na elaboração de seus enunciados. Sabemos que a modalidade pode se apresentar como epistêmica, deôntica ou apreciativa. No contexto típico, que estamos analisando nesta seção, é perceptível uma expressiva relação com a modalidade epistêmica, a qual, na perspectiva de Lyons (1977, p. 793), refere-se ao tipo de modalidade relativa à natureza e à fonte do conhecimento, “a lógica epistêmica lida com a estrutura lógica de declarações que afirmam ou implicam que uma proposição particular, ou conjunto de proposições, é conhecido ou acreditável”¹¹.

Vale destacar que há diversos recursos para expressar a modalidade que não apenas a utilização de verbos modais, como por exemplo, o uso de condicionais ou até mesmo a entonação usada no enunciado. No âmbito deste artigo, estamos considerando esses recursos como integrantes e influentes na base da oração perifrástica modal considerada como contexto típico.

constructions; in those cases we are confronted with various residues and drifts, which can leave pieces of the putative hierarchy missing in the synchronic data. [...]. In this respect, the unifying element in the network is not some root construction, but a functional (or conceptual) space onto which given constructions can be mapped”.

11 Original: “*is concerned with the nature and source of knowledge, epistemic logic deals with the logical structure of statements which assert or imply that a particular proposition, or set of propositions, is known or believed”.*

Tais atributos vão ao encontro de nossas percepções na análise da oração perifrástica modal do tipo “Haveria, pois, de não realizar seu pedido?”, pois é notável nessa construção uma modalização do locutor no sentido de expressar uma relação de comprometimento com o que ele está comunicando, se posicionando com certeza diante de seu enunciado.

Não obstante, essa estrutura oracional, a partir da qual acreditamos ter surgido o *MD pois não*, apresenta uma particularidade interessante: a sua esquematicidade não é total, é parcial, pois o espaço destinado ao verbo modal (ou à modalização), embora seja preenchido de forma variada, não é totalmente aberto. A palavra “não”, representando a “negação”, é um elemento fixo nessa estrutura, cujo uso parece ser responsável pela restrição das opções de recursos de modalização possíveis nesse esquema, conseqüentemente interferindo no grau de esquematicidade da estrutura no que diz respeito ao preenchimento desse *slot*. Vejamos, por exemplo, as seguintes orações¹²:

[2] Haveria pois de não realizar seu pedido?

[2a] Não teria pois de realizar seu pedido?

[2b] Seria pois não realizar seu pedido? *

Em [2] e [2a], temos os verbos “haver” e “ter” preenchendo satisfatoriamente o *slot* de verbo modal na oração. No caso do verbo “ter”, no entanto, a funcionalidade está vinculada à alteração na ordem da negação. Em [2b], o verbo “ser”, também revestido de modalização, devido à condicionalidade, não preenche sintático-semânticamente o mesmo *slot*, pois a presença da construção “não” na oração impossibilita a utilização desse verbo de modo gramaticalmente coerente.

Na seção seguinte, analisamos o primeiro contexto de mudança na trajetória de construcionalização de “pois não”: o contexto atípico.

4.2. Contexto atípico

O contexto atípico consiste em instâncias que representam o primeiro passo da mudança. Verificamos, nesse contexto que o processo de construcionalização do *MD pois não* está intimamente relacionado à gramaticalização da construção “pois”. Portanto, na análise do contexto atípico, foi

12 A presença do asterisco (*) após os exemplos indica uma construção agramatical, ou seja, não possível no PB.

necessária uma atenção maior ao comportamento dessa construção na estrutura oracional.

Realizamos buscas no Corpus do Português visando perceber que tipo de relações a construção “pois” instanciava em construções mais complexas (orações) e que poderiam estar relacionadas ao desenvolvimento da microconstrução “pois não”. Em nossa análise de contextos, constatamos que o contexto atípico é caracterizado pela mobilidade da conjunção “pois” na oração modal, principalmente no que se refere ao deslocamento dessa conjunção com função conclusiva para uma posição pré-verbal, conforme se observa em [3a]. Ao tratar de “oração modal”, estamos nos referindo à estrutura oracional esquematizada no Quadro 2, na seção anterior.

[3] - [...] Resolveram, **pois**, não contrariá-lo.

(19:Fic:Br:Alencar:Gaúcho – *Corpus do Português*)

[3a] - Como, **pois**, havia de [não]formular um programa conjugal para
nosso uso? (19:Fic:Br:Alencar:Senhora – *Corpus do Português*)

Segundo gramáticas tradicionais da língua portuguesa, as conjunções coordenativas têm a função de ligar orações independentes e relacionar termos de idêntica função gramatical. Nessa mesma perspectiva, a conjunção “pois” é classificada como conclusiva quando está em posição pós-verbal na oração (cf. CUNHA, 1980; NICOLA e INFANTE, 1990; FARACO e MOURA, 1998). Tais gramáticas consideram a construção “pois” como uma conjunção que, em seu uso prototípico (contexto típico), liga orações em um mesmo enunciado e estabelece relação de conclusão, dedução ou consequência sobre o que fora previamente dito. Em [3] temos um exemplo desse uso. Observamos que o “pois” aparece posicionado após o verbo “resolver”, funcionando como um elemento de ligação entre orações (distinguidas pelos verbos “resolver” e “contrariar”), e transmitindo essa ideia de consequência.

No exemplo [3a], por sua vez, notamos que a construção “pois” está posicionada antes da forma verbal “havia” e não aparece ligando orações. Todavia, percebemos que, embora “pois” esteja em posição pré-verbal, ainda é possível capturar seu caráter conclusivo. Portanto, pode-se dizer que nesse caso, o “pois” marca o estabelecimento de uma conclusão, mas não a conexão entre orações. Nesse

sentido, Oliveira (2011, p. 106-107) traz a seguinte consideração:

Em estruturas conclusivas, *pois* não exerce o papel de conjunção, mas de um item que [...] atua como um marcador discursivo que indica a leitura conclusiva, funcionando como uma espécie de sinalizador das intenções discursivas.

A função típica das conjunções é vincular orações. No contexto atípico, porém, apesar de apresentar-se composicional por ainda estar no plano oracional, ocorre a expansão do uso de “pois” para um campo mais discursivo, preservando-se nuances conjuntivas.

Nesse sentido, considerando a trajetória construcional de “pois não”, os dados atestam que nas ocorrências de “pois” conclusivo em posição pré-verbal essa construção aparece acompanhada de elementos das mais variadas categorias: advérbios, substantivos, pronomes, conjunções etc. As diversas buscas realizadas no *Corpus do Português* nos possibilitam esboçar o seguinte quadro para a definição do contexto atípico de mudança:

Elemento <small>não oracional</small>	+	POIS <small>conclusivo</small>	+	V. <small>aux. modal</small>	+	[PREP.]	+	NÃO	+	V. <small>principal</small>	+	COMPL
<i>Por que,</i>		<i>pois,</i>		<i>haveria</i>		<i>De</i>		<i>Não</i>		<i>realizar</i>		<i>seu pedido?</i>
<i>Ela,</i>		<i>pois,</i>		<i>poderia</i>		---		<i>Não</i>		<i>ajudar</i>		<i>você?</i>

Quadro 3: Contexto atípico de construcionalização da microconstrução “pois não”

(elaboração própria)

O deslocamento de “pois” indicia que esse elemento apresenta função parentética, sua funcionalidade é extra oracional, logo, que está passando por um processo de mudança construcional, pois foram alteradas propriedades morfossintáticas desse pareamento. Assim, a perda da função conjuntiva pode ser considerada o primeiro passo de mudança construcional.

4.3. Contexto crítico

O contexto crítico é caracterizado pelo desencadeamento real da gramaticalização. Nele há perda da função conclusiva da construção “pois”, que passa a encabeçar a oração, assumindo, finalmente, função parentética e enfática:

[4] - **Pois** não me hei de lembrar, meu amo!

(19:Fic:Br:França:Doutoras – *Corpus do Português*).

[4a] - **Pois** não é que o homem está desperdiçando discursos.

(19:Fic:Br:Coelho:Conquista – *Corpus do Português*).

Nessas ocorrências, “pois” não atua na constituição oracional básica ou tem função conectiva de conclusão. Em contrapartida, a vinculação pragmático-discursiva é fortemente marcada.

Devido ao fato de os contextos atípico e crítico serem expressos por meio de estruturas oracionais complexas, há a possibilidade de os elementos que compõem o esquema representativo do contexto crítico preencherem posições variadas na organização oracional, com exceção do elemento “pois”, que, necessariamente, ocupa a posição inicial na oração, definindo o contexto crítico de mudança.

POIS _{discursivo}	+	NÃO	+	V. _{aux. modal}	+	[PREP.]	+	V. _{principal}	+	COMPL.
<i>Pois</i>		<i>Não</i>		∅		∅		<i>Realizaria</i>		<i>seu pedido?</i>
<i>Pois</i>		<i>Não</i>		∅		∅		<i>Ajudaria</i>		<i>você?</i>

Quadro 4: Contexto crítico de construcionalização da microconstrução “pois não”
(elaboração própria)

A configuração esquemática disposta no Quadro 4 é a que melhor representa o contexto crítico, pois, nesse esquema, percebemos que o verbo auxiliar modal é preterido pelo verbo principal conjugado no futuro do pretérito do modo indicativo, assumindo assim a função modalizadora.

Segundo Cunha e Cintra (2003), os verbos *haver* e *ter* consistiam em auxiliares por excelência. Said Ali (1957) afirma que, no português arcaico, a forma *haver-auxiliar* evidencia um uso erudito arcaico. Mateus *et al* (2003), por sua vez, ressaltam que *haver*, como verbo auxiliar na formação dos tempos compostos deixou de ser usado coloquialmente. Neves (2000) situa *haver* entre os verbos que não constituem predicados, que por sua natureza pode ser caracterizado como um *verbóide* (verbo-suporte), o qual apresenta significado esvaziado. Todas essas observações sobre verbo auxiliar (especialmente sobre o verbo *haver* que para nós é o mais representativo no contexto típico da microconstrução “pois não”) podem servir para justificar a não ocorrência do verbo auxiliar na estrutura oracional. Esse rearranjo na estrutura da oração contribui para a formação do *MD pois não*, o ponto de chegada do processo de mudança.

Devido à construcionalização de “pois”, marcada pela perda de propriedades categoriais gramaticais, no contexto crítico há menor grau de composicionalidade do que no contexto atípico. Quanto à esquematicidade, ainda há a possibilidade de *slots* serem preenchidos, uma vez que o “pois” pode ser substituído por outros elementos, especialmente por advérbios interrogativos (como “Por que” e “Como”, por exemplo), sem alterar o sentido da oração modal. Ademais, a construção “não” ainda continua funcionando como um elemento de negação.

Quanto à negação, no esquema apresentado no Quadro 4, a opção por uma estrutura não perifrástica parece condicionar seu posicionamento fixo na oração. Como pode ser visto nos exemplos [5], [5a] e [5b], nesse contexto, a negação ocorre em posição pré-verbal e sua mobilidade não é funcional.

[5] Pois **não** realizaria seu pedido?

[5a] Pois realizaria **não** seu pedido? *

[5b] Pois realizaria seu pedido **não**? *

Corroborando as postulações de Diewald (2006) sobre o contexto crítico, neste estágio, são notáveis as ambiguidades e opacidades estruturais e semânticas. A construção “pois” parece ainda recuperar, timidamente, a função conclusiva e, ao mesmo tempo, apresenta função pragmático-discursiva.

A partir dos resultados encontrados no *corpus* em relação a estruturas oracionais correspondentes ao contexto crítico, esboçamos o Quadro 5 a seguir, com os diferentes efeitos de sentido ou relações semântico-pragmáticas estabelecidas pela construção “pois”. Esse quadro foi elaborado considerando-se o entorno comunicativo da oração.

Nº	Ocorrências	Efeito de sentido
[6]	- Diga o que quiser... Eu não acredito! - Pois não acredite, exclamou Pedro Ruivo, perdendo a paciência. (19:Fic:Br:Azevedo:Girândola – <i>Corpus do Português</i>)	Desafio
[6a]	- Pois não é que quase me joga no precipício [...] (19:Fic:Br:Carvalho:Somos – <i>Corpus do Português</i>) ¹³	Contraexpectativa
[6b]	- Pois não falaremos mais nisso. Vamos trabalhar, senhor Pompeu [...]. (19:Fic:Br:Araújo:Angélica – <i>Corpus do Português</i>)	Exortação
[6c]	- [...] não foram à feijoada? Pois não sabem o que perderam. (19:Fic:Br:França:Cinismo – <i>Corpus do Português</i>)	Declaração
[6d]	- Pois não brigemos por isso: se eu ultrajei, caso. (19:Fic:Br:Coelho:Conquista – <i>Corpus do Português</i>)	Conselho
[6e]	- Pois não havia de fazer as minhas cortesias à dona? (19:Fic:Br:Alencar:Sertanejo – <i>Corpus do Português</i>)	Interrogação
[6f]	- [...] Eu também vou, disse João da Cunha, encaminhando-se para a porta. Pois não hei de acompanhá-los? (19:Fic:Br:Távora:Matuto – <i>Corpus do Português</i>)	Comprometimento

Quadro 5: Relações semântico-pragmáticas estabelecidas nos usos em contexto crítico ¹³

(elaboração própria)

Cada uma dessas orações pode indicar possíveis direcionamentos da trajetória de mudanças que resultou nos diferentes construtos em contexto isolado, conforme descrito na próxima seção.

4.4. Contexto isolado

O contexto isolado diz respeito ao estabelecimento da construcionalização de *pois não* como marcador discursivo (MD). Nesse contexto, em sequência às mudanças ocorridas nos contextos anteriores, a função interpessoal é encarecida e o elemento se especializa como marca de polidez:

¹³ Segundo Braga (1991, 2009), construções clivadas do tipo “É QUE” se prestam primordialmente à expressão de contrastes. Tal observação é nitidamente evidenciada nesse uso.

POIS	NÃO	V. _{aux. modal}	[PREP.]	V. _{principal}	COMPLEMENTO
<i>Pois</i>	<i>não?</i>	∅	∅	∅	∅

**Quadro 6: Contexto isolado de construcionalização da microconstrução “pois não”
(elaboração própria)**

Nesse contexto de análise, parece haver um processo de economia linguística por parte do falante ao tomar apenas o “pois não” como opção comunicativa, dispensando qualquer outro material oracional, como por exemplo, “em que posso ajudar?” Compreendemos que a economia, aqui, se correlaciona à rotinização, à perda de propriedades sintático-semânticas e ao aumento na frequência de uso da construção. Corroborando a hipótese que seguimos defendendo, acreditamos que esse uso possivelmente foi originado do pensamento analógico integrado pelo usuário a partir daquela sentença mais complexa demonstrada na seção sobre o contexto típico. Vejamos os exemplos a fim de comparar as construções:

[7] Emília - Papai *fala-me muitas vezes em vossemecê.*

Bermudes - **Pois não** havia de falar? Entendíamo-nos perfeitamente! (19:Fic:Br:Azevedo:Véspera – *Corpus do Português*)

[7a] Matias - Eu serei burro, mas *bão senso não me falta.*

Gertrudes - Oh! **pois não...**

(19:Fic:Br:França:Defeito – *Corpus do Português*).

O exemplo [7] representa o contexto crítico, já discutido na seção anterior. Como se observa nesse exemplo, o interlocutor demonstra uma surpresa em relação ao conteúdo comunicado pelo locutor (expresso em itálico). Para marcar essa impressão admirativa, o interlocutor utiliza a construção “Pois não havia de falar?”. No exemplo [7a], o locutor comunica que “bão senso não me falta” (*sic*), e o interlocutor confirma esse conteúdo, também de modo admirativo, utilizando-se da construção “pois não”. A construção linguística proferida pelo interlocutor do exemplo [7a] pode ser parafraseada por “Pois não haveria de faltar?”, assemelhando-se à oração exemplificada em [7]. Ao invés disso, no contexto isolado, o interlocutor opta por pronunciar apenas a microconstrução “pois não”, abrindo o canal de interação e tornando a comunicação mais ágil.

O construto exposto no exemplo [7a] parece ter se rotinizado e se convencionalizado entre os falantes como uma maneira de responder afirmativamente a alguma declaração anterior e de modo mais polido. Portanto, traços semânticos modais atenuadores permanecem na microconstrução “pois não” em contexto isolado. A convencionalização, por sua vez, desencadeia ou favorece a expansão do uso na classe dos MDs.

De acordo com De Haan (2005), a negação pode ser considerada parte da modalidade. Ela funciona pragmaticamente indicando a refutação da impossibilidade de fazer algo (“Pois **não** havia de falar?”). Esse uso da negação como refutação é um bom indício para afiançar a mudança semântica do “não” ao campo semântico de afirmação. No contexto isolado, percebemos que a construção “não” perde sua função semântica de negação e associada ao “pois”, mediante um processo de *chunking*, passa a compor uma nova microconstrução. Tanto que, no plano fonológico, a microconstrução é pronunciada de modo acoplado: [pojz.n'ẽw]. Não há mais composicionalidade e nem há a possibilidade de preenchimento de *slots* no que diz respeito à esquematicidade (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). A perda de composicionalidade, inclusive, é percebida pela própria supressão do acento tônico da construção “pois”. Inicialmente, no contexto típico, observamos duas palavras desassociadas (“pois” e “não”). A palavra “pois” perde o acento, permanecendo apenas o acento na palavra “não”.

Configura-se como contexto isolado, pois o processo de construcionalização se consolida, ocorrendo mudanças na forma e na função dos elementos que compõem a microconstrução.

Além do uso que buscávamos descrever no início da pesquisa (construção *Pois não?* pragmaticamente equivalente à construção *Em que posso ajudar?*), encontramos mais sete (7) construtos distintos. A fim de que o leitor perceba as diferenças semântico-pragmáticas de cada uso, apresentamo-los brevemente no Quadro 7, a seguir:

Nº	Ocorrências	Efeito de sentido
[8]	- Como vamos de versos? - Não faço versos. - Ah! Pois não ... Pensa que não leio? (19:Fic:Br:Coelho:Conquista – <i>Corpus do Português</i>)	Desafio/ironia

Nº	Ocorrências	Efeito de sentido
[8a]	- <i>Miserável!</i> - Oh! Pois não! A senhora entende que me deve humilhar a seu gosto [...]! (19:Fic:Br:Azevedo:Coruja – <i>Corpus do Português</i>)	Admirativo
[8b]	<i>Ele quer abandonar-me? Pois não! Faz o seu dever. Obrará como um “rapaz de juízo”!</i> (19: Fic:Br:Azevedo:Coruja – <i>Corpus do Português</i>)	Exortativo
[8c]	- [...] <i>manipoba não é uma planta que dá goma elástica no nordeste?</i> - É. Pois não. Mas aqui é comida. [...]. (20:Fic:Br:Morais:Igaraunas – <i>Corpus do Português</i>)	Declarativo
[8d]	- [...] Eu quero falar! - <i>Fale! Fale! Pois não...</i> (19: Fic:Br:Azevedo:Nova – <i>Corpus do Português</i>)	Admoestativo
[8e]	[...] <i>Sabe que estive para ser nosso parente? Pois não?</i> (19:Fic:Br:Machado:Borba – <i>Corpus do Português</i>)	Interrogativo
[8f]	- <i>Talvez o senhor pudesse me aconselhar alguma coisa.</i> - Pois não, pois não - respondeu o homem, solícito. (20:Fi-c:Br:Cardoso:Dias – <i>Corpus do Português</i>).	De comprometimento
[8g]	- Anselmo Ribas, foi companheiro de casa de meu irmão. - Pois não. Trocaram um aperto de mão. (19:Fic:Br:Coelho:Conquista – <i>Corpus do Português</i>) - Pois não? , o gerente atende (20:Or:Br:LF:SP – <i>Corpus do Português</i>)	De introdução interativa

Quadro 7: Expansão de “pois não” na classe hospedeira dos MDs (elaboração própria)

Nos exemplos dispostos no Quadro 7, marcamos com itálico o conteúdo comunicado que é

recuperado pelo locutor/interlocutor no momento da interação, a fim de facilitar a percepção das diferenças semântico-pragmáticas entre os usos e também a relação intersubjetiva presente nesses construtos. Em cada ocorrência, a microconstrução “pois não” recupera conteúdos comunicados com intenções comunicativas distintas. Provavelmente, devido à analogia (BAGNO; CASSEB-GALVÃO, 2017, 2017a), na expansão desses usos, vários significados estão implicados nos diferentes efeitos de sentido replicados a partir de um mesmo pareamento forma-função. Trata-se, portanto, de um pareamento altamente produtivo para o usuário da língua. Em [8g], por exemplo, “pois não” é um facilitador da interação, altamente intersubjetivo, e seu uso não recupera qualquer conteúdo comunicado na interação.

Se por um lado, no contexto isolado, dispensam-se os componentes oracionais outrora presentes nos contextos típico, atípico e crítico, por outro lado, percebemos que, com exceção do uso exemplificado em [8g], em todos os demais usos há uma dependência do entorno comunicativo para que o sentido da construção “pois não” seja validado.

Apresentamos na seção 4.5, a seguir, algumas observações estatísticas sobre os contextos de mudanças descritos até aqui.

4.5 Aspectos gerais sobre os contextos de mudanças

Diante das análises de contextos realizadas, percebemos que, ao longo do período de implementação do PB, a microconstrução “pois não” passou por mudanças construcionais, tanto na forma quanto na função. Inicialmente, mudanças na forma e na função ocorridas primeiramente pela conjunção “pois”, e, por fim, mudança na função ocorrida pela negação “não”, até resultar na microconstrução *MD pois não*, atingindo o estágio de construcionalização.

No escopo desse artigo, os contextos atípico e crítico referem-se a orações complexas e altamente esquemáticas. Diante desse fator, tornou-se inviável o cálculo das frequências dos contextos típico e crítico. Portanto, nos dados da Tabela 1, a seguir, para os contextos atípico e crítico, estamos considerando apenas aquelas ocorrências em que aparecerem a construção “pois” seguida da construção “não”, tal como nas seguintes orações “Agora, pois, não toca, nem desenha” e “Pois não havia de fazer as minhas cortesias à dona?”, as quais correspondem, respectivamente, ao contexto atípico e crítico.

Foram coletadas do *Corpus do Português* 1844 ocorrências do pareamento “pois não”. Dessas ocorrências, contamos com 592 dados do PB para efetiva análise. Os dados se distribuem nas

estruturas oracionais complexas, reconhecidas, nesta pesquisa, como contexto atípico (19) e contexto crítico (357), e no contexto isolado (216), em uso como marcador discursivo. A Tabela 1 detalha essas ocorrências, considerando-se os séculos XIX, XX, XXI. Vale ressaltar que os dados atestam a relação entre a constituição da microconstrução “pois não” e a implementação da gramática do PB, já que em uma análise preliminar não encontramos no *corpus* resultados de ocorrências em contexto crítico e isolado anteriores ao século XIX. O fato de não termos registro de usos anterior ao século XIX, todavia, não implica definitivamente que eles não existam. Na realidade, deve-se considerar essa não-localização muito mais como uma dificuldade em encontrar material de caráter oral (dialogado) em períodos mais antigas, ou mesmo como uma representação de que tais usos não eram tão produtivos para os falantes à época.

Tipos de Contexto	PB			
	Século XIX	Século XX	Século XXI	TOTAL
Contexto Atípico	18 (3%)	1 (0,16%)	0 (0%)	19 (3,2%)
Contexto Crítico	306 (51,6%)	50 (8,4%)	1 (0,16%)	357 (60,3%)
Contexto Isolado	170 (28,7%)	46 (7,7%)	0 (0%)	216 (36,4%)
TOTAL	494 (83,4%)	97 (16,3%)	1 (0,16%)	592 (100%)

Tabela 1: Frequência de contexto por século no PB

A Tabela 1 apresenta, na última coluna da direita, os números de ocorrências e percentuais de todos os contextos século a século. Na última linha, estão os números de ocorrências e percentuais de cada contexto em todos os séculos. Os dados apresentam 63,5% (376/592) de ocorrências de estruturas oracionais complexas (em contexto atípico e crítico) e 36,4% (216/592) de ocorrências do “pois não” construcionalizado como marcador discursivo.

A maior frequência de ocorrências por contexto corresponde ao século XIX. Acreditamos que isso se dê porque a maior parte dos dados do *corpus* é composta de obras datadas nesse período (especialmente, séculos XIX e XX). Além disso, as obras datadas em séculos anteriores no *Corpus do Português* correspondem a padrões discursivos que fogem do nosso foco de pesquisa (narrativas e descrições).

A escassez de dados a sincronias mais atuais é significativa, pois pode indicar o não uso da microconstrução “pois não” no PB contemporâneo em relação ao uso de outras construções na rede linguística, ou seja, o falante do PB pode ter substituído o uso de “pois não” por outro uso mais produtivo atualmente.

4.6 Rede hierárquica e construcionalização de “pois não” no PB

Tomando por base os critérios de análise já apontados neste artigo, especialmente aos que dizem respeito à gradação dos fatores composicionalidade e intersubjetividade, elaboramos uma rede construcional do *MD pois não* em um diagrama que evidencia os micropassos de mudanças percorridos por essa microconstrução até sua construcionalização, no intuito de demonstrar um *cline* de mudança construcional do “pois não” e seu processo de expansão na classe dos MDs. Os usos utilizados para exemplificação nesse diagrama foram selecionados considerando-se aqueles mais prototípicos para cada contexto analisado.

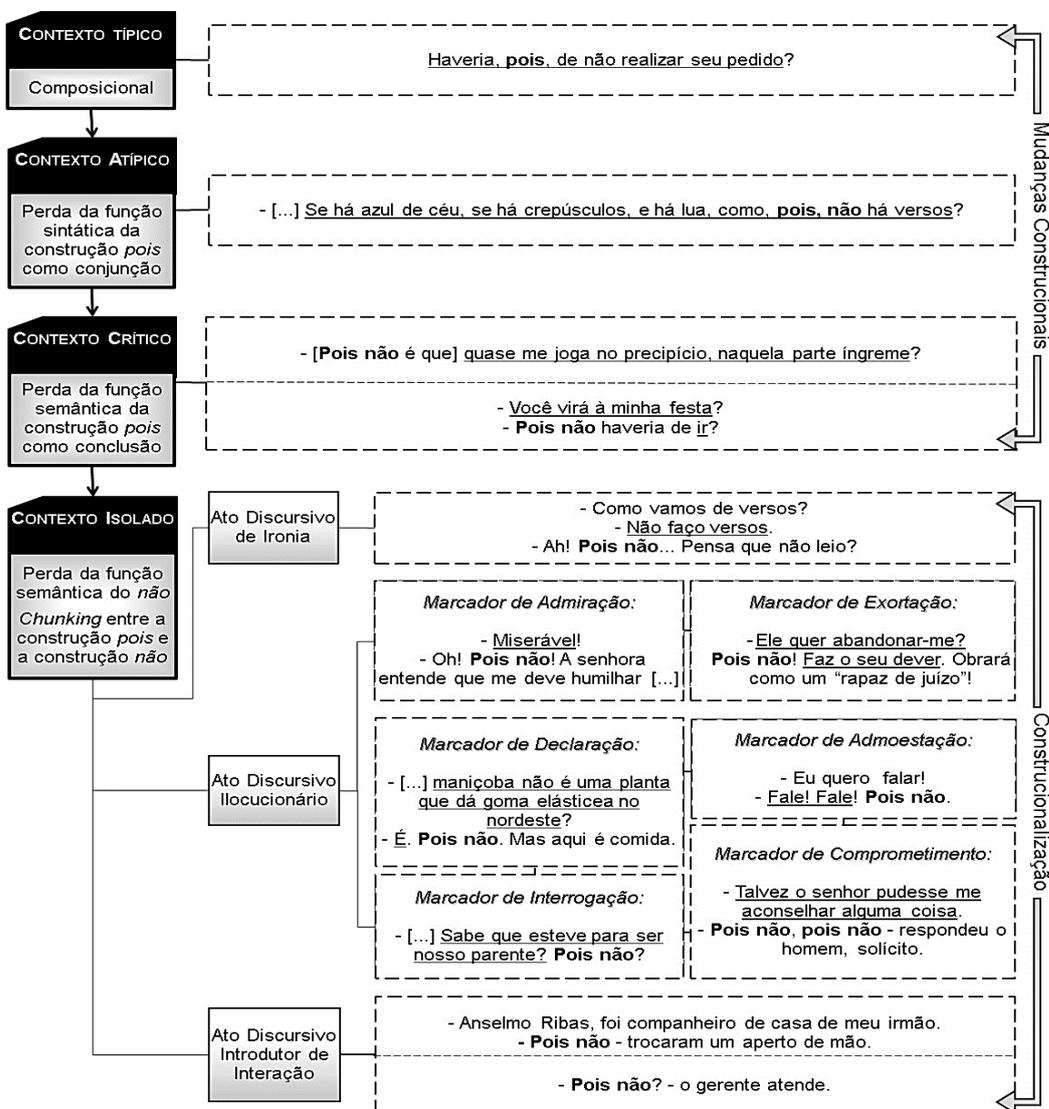


Figura 1: Micropassos de mudanças da microconstrução “pois não” no PB (elaboração própria)

No diagrama representado pela Figura 1, os quadros da primeira fileira, à esquerda, expõem a definição de cada contexto de mudança, ou seja, contêm o nome do contexto a que se refere (típico, atípico, crítico e isolado), seguido de suas respectivas características sintático-semânticas no processo de construcionalização do *MD pois não*. Os quadros tracejados comportam os construtos que exemplificam cada tipo de contexto. As setas, à direita do diagrama, destacam os contextos em que se observam as mudanças construcionais e a consumação da construcionalização e a expansão na classe dos MDs. No contexto isolado, especificamente, após o quadro que aparece com a definição (à esquerda), temos outros quadros que marcam os Atos Discursivos possibilitados pela microconstrução “pois não” em seu estágio já construcionalizado, quais sejam: ironia, ilocução e introdução de interação.

Em suma, a Figura 1 sintetiza as explicações sobre a trajetória construcional de “pois não”. Assumimos, portanto, que um *cline* de constituição da microconstrução “pois não” como MD assim se configura:

1. No **contexto típico**, temos uma estrutura oracional complexa (a construção perifrástica modal), em que o “pois” e o “não” têm suas funções prototípicas preservadas, isto é, aparecem atuando como conjunção e advérbio de negação, respectivamente.
2. O primeiro passo de mudança ocorre no **contexto atípico**, em que percebemos a perda de propriedade categorial da construção “pois” devido à supressão de sua função sintática como conjunção, marcada por sua mobilidade sintagmática, típica dos elementos intersubjetivos.
3. No **contexto crítico**, nos deparamos com mais uma mudança construcional, dessa vez, em aspecto relativo à semântica da construção “pois” que deixa sua função conclusiva e passa a assumir função discursivo-pragmática, encabeçando a sentença oracional.
4. Por fim, no **contexto isolado**, além de ocorrer um processo de *chunking* entre as construções “pois” e “não”, constatamos que a construção “não” perde sua função semântica de negação e, finalmente amalgamadas, assumem funções semântico-pragmáticas diversas no nível interpessoal da comunicação (ironia, ilocução e interjeição interativa), sendo o campo mais produtivo dessas funções o das ilocuições abstratas (admirativa, exortativa, declarati-

va, admoestativa, interrogativa, marcador de comprometimento, conforme HENGEVELD e MACKENZIE, 2008).

Considerações finais

Os dados atestaram que a microconstrução “pois não” é um uso inovador na língua portuguesa, cujo gatilho para a construcionalização no PB ocorre no século XIX.

Mediante a análise dos contextos de mudanças, pudemos validar a hipótese de que a oração perifrástica modal é o contexto típico dessa microconstrução. Também pudemos confirmar a hipótese de que o paradigma forma-função constituído pelos usos de “pois não” integra um *cline* cujos extremos vão de subjetivo à intersubjetivo, pois inicia-se com a subjetividade do falante em modalizar seu discurso, até chegar a um estágio em que atua no nível interpessoal, no qual a construção é diretamente orientada para o ouvinte.

Ainda no âmbito da gradação (inter)subjetiva, constatamos que quanto mais composicional mais próxima à objetividade está a construção e quanto menos composicional mais intersubjetiva ela é.

Considerando-se o pareamento forma-função “pois não”, já com uso inovador como marcador discursivo, tomando como base os postulados de Croft (2001) e os parâmetros de análise de Traugott e Trousdale (2013), constatamos que a microconstrução “pois não” atua muito mais como um elemento de ordem gramatical que lexical. Embora essa microconstrução não apresente função sintática na constituição oracional básica, ela tem função discursiva.

Diante disso, concluímos que a formação do “pois não” resultou de um processo de neanálise e de mudanças construcionais nos dois polos de seu pareamento forma-função, consistindo em um caso de construcionalização, ou, para sermos mais exatos, numa construcionalização discursiva.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. T. de. (2015). *A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no Português*. 2015. 212 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Campus de Niterói.

BAAYEN, R. H. (2001). *Word Frequency Distributions*. Dordrecht: Kluwer.

BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (2017). Mudança linguística: fenômeno sociolinguístico de base funcional. In: BAGNO, M; CASSEB-GALVÃO, V. C; REZENDE, T. *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, pp. 9-33.

_____. (2017a). Hipercorreção e analogia: os usos do particípio passado. In: OLIVEIRA, M. R; CEZÁRIO, M. M. *Funcionalismo linguístico*. Diálogos e vertentes. Rio de Janeiro: Aduff: pp. 141-156.

BRAGA, M. L. (1991). As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro. *Organon*, v. 5, n. 18, pp. 109-125.

_____. (2009). Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n. 24, p. 173-196, jan./jun.

BYBEE, J. L. (2010). *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.

BYBEE, J. L. (2003). Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. pp. 602–623.

CROFT, W. (2001). *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press.

CUNHA, C. F. da, CINTRA, L. (2003). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CUNHA, C. F. (1980). da. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: FENAME.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. (2006-). *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>.

DE HAAN, F. (2005). *Typological approaches to modality*. In: FRAWLEY, W. (Ed.). *Modality*.

Berlin: Mouton de Gruyter.

DIEWALD, G. (2002). A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. pp. 103-120.

_____. (2006). Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, Special Volume 1: Constructions all over - case studies and theoretical implications, pp. 1-28, Jan.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. (1998). *Gramática Nova*. 3. ed. São Paulo: Ática.

FRIED, M. (2015). Construction Grammar. In: ALEXIADOU, A.; KISS T. (Eds.). *Handbook of syntax*. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter. pp. 974-1003.

GOLDBERG, A. E. (2013). *Constructionist approaches*. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.) *Handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press. pp.15–31.

_____. (2006). *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press.

HEINE, B. et al (1991). *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. (2008). The interpersonal level. In: _____. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. New York: Oxford University Press. pp. 46-127.

HIMMELMANN, N. P. (2004). Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (Eds.). *What makes grammaticalization: a look from its fringes and its components*. Berlin: de Gruyter. pp. 21–42.

LANGACKER, R. (2005). Construction Grammars: Cognitive, radical, and less so. In: IBÁÑEZ, R. de M.; FRANCISCO J.; CERVEL, M. S. P. (Eds.). *Cognitive Linguistics: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter. pp. 101-159.

LÔBO, C. M. G. N. A microconstrução “pois não” no português brasileiro: construcionalização e expansão. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás. 2017, 129 p. Goiânia.

LYONS, J. (1982). Deixis and subjectivity: *Loquor, ergo sum?* In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (Eds.). *Speech, Place, and Action: studies in deixis and related topics*. New York: Wiley. pp. 101-124.

LYONS, J. (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

MATEUS, M. H. M. et al. (2003). *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho.

MATTOS E SILVA, R. V. (2008). Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestão para uma pauta de pesquisa. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 34, pp. 11-30.

NEVES, M. H. de M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP.

NICOLA, J. de; INFANTE, U. (1990). *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. Scipione: São Paulo.

OLIVEIRA, M. R. de. (2015). Contexto: definição e fatores de análise. In: _____; ROSÁRIO, I. C. do. (Org). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj. pp. 22-35.

OLIVEIRA, M. do C. P. (2011). *A sintaxe da coordenação e os conectores conclusivos - estudo de caso: a coordenação conclusiva na estruturação de textos argumentativos de jovens em idade escolar*. 330f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade do Porto, Porto.

SAID ALI, M. (1957). *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

TRAUGOTT, E. C. (2010). (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. pp. 29-70.

_____. TRAUGOTT, E. C. (2008). Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Eds.). *Variation, Selection, Development: probing the evolutionary model of language change*. Berlin: Mouton de Gruyter. pp. 219-250.

_____. (2007). The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive Linguistics*, n. 18, pp. 523-557.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. (2013). *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press.

TROUSDALE, G. (2012). Grammaticalization, constructions, and the grammaticalization of constructions. In: DAVIDSE, K. et al. (Eds.). *Grammaticalization and Language Change: New Reflections*. Amsterdam: Benjamins. pp. 167-198.